

Vinte anos de Vieira em DVD

Na noite em que o Governo caiu, os Ena Pá 2000 deram um concerto e gravaram o filme de uma noite em palco

TIAGO R. SANTOS

A *stripperr* teve que ir ao hospital. Preciso que te dispas.” De vestido branco com folhos, muito Marilyn Monroe, Susie olha para Bruno de Almeida, o realizador que veio de Nova Iorque para gravar o espectáculo dos Ena Pá 2000, e fica em silêncio por um segundo antes de responder. “Não posso. Sou fina. E estou de culotes.” Faltam menos de 30 minutos para o início do concerto, uma centena de pessoas ainda está à porta da discoteca Garage, em Lisboa. Manuel João Vieira, o vocalista, está numa limusina alugada, preso no trânsito infernal de Lisboa. Chove com violência na noite em que o Governo caiu.

Bruno sai pela porta dos bastidores, preocupado porque ficou sem o final do primeiro acto. Sobe cinco degraus metálicos e entra na carrinha de exteriores da Valentim de Carvalho. Senta-se na sua cadeira e enfrenta uma dezena de pequenos monitores com diferentes ângulos do palco e público. Três pessoas estão no espaço reduzido, auscultadores que os isolam do mundo e olhos no ecrã. Por momentos, parece que estão ali para vigiar Manuel João Vieira. Como se as ambições políticas do artista fossem reais e não parte do espectáculo. O concerto será lançado em DVD com o documentário *O Candidato Vieira*, também realizado por Bruno de Almeida, sobre a campanha presidencial de 2001, que se ficou pela fase de recolha de assinaturas.

“Aqui temos lugar para a esquizofrenia”, diz o saxofonista. Tem toda razão

outros. Está ensaiado. E não costumamos ensaiar... tanto”, diz com uma pausa cheia de histórias que apenas se contam entre amigos. São 20 anos de música, desde os singles *Telephone Call* e *Pão, Amor e Ttobola* até ao mais recente álbum, *A Luta Continua*.

Os bastidores do concerto são como um baile de máscaras com banda sonora ao vivo. Phil Mendrix, “o melhor guitarrista



Manuel João Vieira promete “um Ferrari, uma patinadora artística e um bailarino cubano” a todos os portugueses



do nosso País” – a imagem de Keith Richards se o músico dos Rolling Stones fosse português e viciado em bagaço – toca uns acordes. Susie está agora com uma cabeleira loira e sapatos dourados. “Pintei-os com um spray.” Tem um cachecol de plumas branco com as pontas em vermelho, porque combinam com os lábios. Alguém grita: “Dez minutos”. Falta pouco.

No camarim de Manuel João Vieira, o alinhamento do concerto está colado no espelho. Primeiro, o hino nacional. Depois, *Masturbação*. A limusina alugada pára e o candidato chega em silêncio para poupar a voz, óculos escuros, camisa havaiana e calças de fato de treino. O público grita “Vieira ao poder.” Antes de subir ao palco, olha para os lados, enquanto abre a boca num movimento marcado pela ausência de som. Parece tranqüilo. Já sabe que a *stripper* afinal chegou. A voz também não falhará. E a procura de bilhetes é traduzida em novo concerto no dia seguinte. É o ponto alto de um comediante cantor que promete “um Ferrari, uma patinadora artística e um bailarino cubano” para cada português. ■